



ESTUDO

Espécies exóticas: biodiversidade em risco nos estuários do Sado e Tejo

Investigadores mostram preocupação com a preservação de 11 espécies exóticas identificadas nos estuários dos dois rios que emolduram a península de Setúbal

Beatriz Alves* (Texto)
Mafalda Duarte* (Texto)
Paula Chainho** (Fotografia)

Como forma de estudar a evolução das espécies exóticas nos estuários do Tejo e do Sado, uma equipa de investigadores portugueses de vários centros de investigação, incluindo o MARE - Centro de Ciência do Mar e do Ambiente - da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, desenvolveu um estudo que foi recentemente publicado na revista científica *Ecological Indicators*.

Nas amostras recolhidas do substrato móvel (areias e vasas) do estuário do Tejo, entre 2014 e 2018, foram identificadas dez espécies exóticas: o bivalve *Arcautula senhousia*, o quíton (*Chaetopleura angulata*), a espécie de caranguejo *Dyspanopeus sayi*, o caranguejo peludo-chinês (*Eriocheir sinensis*), a ostra-do-pacífico (*Crassostrea gigas*), o bivalve *Mya arenaria*, o caracol da ostra japonesa (*Ocenebrellus inornatus*), o caranguejo de lama sulcado (*Panopeus occidentalis*), o caranguejo-anão (*Rhithropanopeus harrisi*) e a amêijoia-japonesa (*Ruditapes philippinarum*). No estuário do Sado, entre 2015 e 2018, foram identificadas três espécies exóticas, duas das quais comuns ao estuário do Tejo, nomeadamente *C. angulata* e *R. philippinarum*, e ainda a espécie de caranguejo *Dyspanopeus texanus*.

Paula Chainho, investigadora do MARE e coautora do artigo, refere que estas espécies exóticas são espécies introduzidas por ação humana em áreas onde não ocorrem naturalmente. Por este motivo, são uma causa de ameaça à biodiversidade marinha e também podem causar impactos económicos.

A navegação é um dos principais vetores de introdução deste tipo de



espécies, sendo que a deslocação destes organismos vivos pode ser feita de diversas maneiras, entre as quais estão as águas de lastro. As embarcações necessitam de uma certa estabilidade que quando descarregadas deixa de existir. É nesta fase que é introduzida água nos tanques de lastro, para que o peso seja contrabalançado, e ao mesmo tempo são transportadas espécies aquáticas para locais onde anteriormente não existiam.

Outra forma de transporte destas espécies é por meio da incrustação, ou seja, agarram-se aos cascos das embarcações ou à grelha de captura e são conduzidas pelos mares. Este fenómeno acontece sobretudo com as embarcações de recreio que, ao introduzirem os organismos exóticos nas águas portuguesas, afetam outro tipo de espécies com interesse comercial, prejudicando a economia do país.

A economia também é afectada devido ao maior gasto de combustível

Os investigadores identificaram dez espécies exóticas no Tejo e três no Sado. Destas, duas são comuns a ambos os estuários

provocado pelo aumento da resistência da embarcação à água, exigindo ao proprietário da embarcação maiores cuidados de limpeza e manutenção. Outro factor preocupante é a introdução de espécies em canais e em zonas de captação de água em unidades industriais.

Os danos provocados obrigam a uma limpeza ou, em caso mais graves, levam à renovação do material danificado.

A nível ambiental, Paula Chainho refere que a principal preocupação relativamente a estas espécies está relacionada com os impactos que a invasão provoca nos ecossistemas, nomeadamente a eliminação de organismos que anteriormente já existiam (espécies nativas), tanto por competição por espaço, luz e alimento, como pela predação direta. Todos estes factores têm como consequência a perda da biodiversidade e não o seu aumento, como à partida se poderia pensar.



Amêijoia Japonesa



Quíton

***Estudantes de Comunicação Social, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal**

**** investigadora**

Texto editado por Ana Maria Boavida e Silvia Ferreira, Professoras da ESE/IFS.

Área: 640cm² / 68%

FOTO Tiragem: 9.000

Cores: 4

ID: 7072396